



Resenha: “Antologia da poesia erótica brasileira”

MORAES, E. R. (org.), [2015]. *Antologia da poesia erótica brasileira*. Organização e apresentação de Eliane Robert Moraes. Desenhos de Arthur Luiz Piza. São Paulo: Ateliê

Leonardo Alexander Silva
Université Paris Sorbonne

A prática antológica na cultura ocidental tem uma longa história, como atesta, a transmissão da *Antologia Grega* da antiguidade clássica à Idade Média. Antes de ganhar contornos mais fixos e se firmar definitivamente como gênero, no século XIX, tal prática teve diversas manifestações, formas e nomes. A arte da compilação se fez presente, por exemplo, em cancioneiros, florilégios, romanceiros, miscelâneas, almanaques, entre outros. Além de cumprir a função de resgatar, reunir, conservar textos, a prática antológica esteve muitas vezes atrelada a projetos nacionais (sobretudo na América Latina de até meados do século XX), educacionais e ideológicos.

Além de constituir uma longa tradição, a prática antológica gera polêmicas e levanta diversos questionamentos, ligados principalmente ao gesto de seleção que ela implica. Emmanuel Fraisse (1997: 12) resume bem a questão:

Reflétant et fixant des canons, l'anthologie est nécessairement définition et interprétation de la littérature. Issue d'une lecture et vouée à la médiation, elle ne cesse d'en donner une image paradoxale, écartelée entre sa volonté d'ériger un monument et celle de traduire un mouvement. Car si l'anthologie cherche à mettre en valeur et préserver des textes, elle n'est pas pure conservation : elle reste bien une affaire de regard et de mémoire qui suppose que, pour que des objets soient retenus, d'autres soient mis au second plan et, d'autres encore, effacés¹.

Se, por um lado, as antologias são frequentemente acusadas de erigir panteões de autores (basta lembrar aquelas cujos títulos começam por “os/as melhores”) e excluir escritores e textos considerados menores, por outro elas têm sido cada vez mais utilizadas como antídoto a essa exclusão ao desafiar o cânone e trazer para o grande público obras que foram esquecidas ou ignoradas pela crítica, assim como gêneros e autores marginais ou pertencentes a uma minoria.

Como projeto antológico, a *Antologia da poesia erótica brasileira*, organizada por Eliane Robert Moraes e editada pela Ateliê Editorial, tem diversos méritos. O primeiro é o de ser bastante ambicioso sem, no entanto, pretender constituir um cânone. A organizadora demonstra estar

1 FRAISSE, E., [1997] *Les anthologies en France*, Paris, PUF, 1997.

consciente de que toda antologia é invariavelmente incompleta e fruto de uma seleção e análise subjetivas: “[C]onvém lembrar que uma antologia é sempre um trabalho de seleção e, como tal, obedece aos critérios e aos gostos literários de quem o realizou”. Vale, no entanto, ressaltar que o caráter subjetivo da seleção não diminui o valor da obra e o impressionante trabalho de pesquisa que está por trás desse projeto, o que nos leva ao segundo mérito dessa antologia.

A *Antologia da poesia erótica brasileira* conta com quase 300 poemas, de mais de 100 autores. Como ponto de partida para a criação dessa antologia, Moraes afirma ter utilizado dois pré-requisitos básicos, ao selecionar apenas obras de autores brasileiros e poemas que apresentavam um conteúdo sexual explícito. A organizadora não somente reúne um conjunto considerável de poemas eróticos, como também resgata textos e escritores pouco ou nada conhecidos do grande público, além de um número importante de textos anônimos, abarcando quase quatro séculos de literatura. Essa antologia parece, assim, destinada a se tornar uma fonte de referência a todos aqueles que se interessam pela erótica brasileira, tanto leigos, como pesquisadores.

O terceiro grande mérito da antologia e aquele ao qual gostaria de dar especial atenção diz respeito a contribuição da antologia para a compreensão do que é o erotismo literário e seus diversos modos de expressão na lírica brasileira. E, nesse sentido, o texto de apresentação da obra é um guia essencial. Uma das questões que mais interessam os estudiosos do erotismo e da pornografia literária diz respeito a caracterizações de cunho genérico. Como argumenta Eliane Robert Moraes a noção de gênero é bastante problemática ao se tratar do erotismo literário, já que essa noção implicaria uma reprodução de certas convenções e elementos formais que não se verifica nos textos eróticos, que são, de uma maneira geral, extremamente heterogêneos e variados. Como aponta Moraes, a poesia erótica pode assumir diversas formas, sendo possível encontrar poemas em versos livres, mas também, quadras, odes, elegias, rondós, haicais, sonetos, entre outros.

Para justificar o agrupamento dos poemas escolhidos, a organizadora propõe outro tipo de definição para o erotismo literário: “O erotismo literário é, antes de tudo, um modo de pensar. Um modo de pensar por meio das palavras, implicando uma operação específica da linguagem que, como vimos, trabalha no sentido de deslocar seus objetos para um lugar simbólico que se identifica, invariavelmente, com o baixo-ventre ou, se preferirmos os termos de Bakhtin, com o baixo-corporal” (p. 27). Ao considerar o erotismo como um “modo de pensar a partir do sexo” e se situar na linhagem do pensamento de Maurice Charney, para quem, o erotismo propõe uma “sexualização da realidade” (*apud*, p. 27), Moraes não somente se liberta das amarras impostas pelas categorizações de gêneros, como também supera a recorrente discussão sobre as fronteiras entre erotismo e pornografia (termos que ela utiliza de maneira indistinta, ainda que privilegie, o erotismo, mais aceito e menos conotado pejorativamente).

Tal concepção ampliada do erotismo, em que o imaginário do baixo corporal adquire uma importância capital, permite que a organizadora faça escolhas menos óbvias, incluindo na sua seleção poemas, textos que seriam considerados tradicionalmente apenas como obscenos ou escatológicos, como os seguintes versos de um autor anônimo: “Eu caguei e tu cagaste,/ El-rei caga e mais as Damas;/ Se bem caga quem tem cu,/ Melhor caga quem tem mamas” (p. 222).

Ainda que a lírica erótica possa ter diversas manifestações, Moraes chama a atenção para a recorrência de alguns procedimentos e características, o que também pode ser constatado através da leitura dos poemas antologizados. É o caso do “impulso de fabulação” (em outras palavras, da fantasia) e do excesso e do desregramento, que constituem para a organizadora forças motrizes da literatura erótica. Outro procedimento fundamental, destacado por Moraes, é o rebaixamento, que se manifesta no já mencionado baixo-corporal e também na escatologia, muitas vezes solicitada pelos poemas, como nos versos citados anteriormente.

Se tais elementos podem ser considerados como característicos da literatura erótica de uma maneira geral, outros parecem estar mais ligados a uma certa brasilidade. E, nesse sentido, um dos grandes interesses da antologia é o de poder reconhecer as especificidades da lírica erótica brasileira. A mais flagrante delas é a comicidade e o humor, que está presente desde os poemas satíricos de Gregório de Matos até os mais contemporâneos, o que comprova o gosto brasileiro de fazer piada sobre sexo e “falar porcarias”, como ressaltou Mario de Andrade (p. 21).

O humor obsceno, sexual atravessa estilos, movimentos literários, épocas e gerações, podendo ser encontrado em poemas de Francisco de Paula Brito, Bernardo Guimarães, Laurindo Rabelo, Múcio Teixeira, Moisés Sesyon, Dalton Trevisan, Hilda Hilst, Sebastião Nunes, entre outros. Além de bastante presente, o humor obsceno assume diferentes expressões na lírica erótica brasileira. A paródia merece especial atenção por sua capacidade de rebaixar textos canônicos, explorando justamente a oposição entre o alto e baixo na literatura. É o que fazem, por exemplo, Guilherme Santos Neves, Jayme Sanros Neves e Paulo Vellozo, ao parodiarem um clássico de Olavo Bilac: “Ora (dizeis), comer um cu! Por certo/ perdeste o gosto!” - E eu vos direi que não,/ Pois para comê-lo, muitas vezes desperto,/ E saco a piça, roxo de tesão...” (p. 300).

No entanto, é importante ressaltar que não é só de humor que é feita a poesia erótica brasileira, o que pode ser comprovado por outras formas poéticas, como as elegias, e por textos que apresentam uma dicção mais “elevada”, como os poemas de Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos, João Cabral de Melo Neto e Mário Faustino, para citar apenas alguns exemplos.

A *Antologia da poesia erótica brasileira* têm a importante função de reunir textos esparsos, resgatar obras pouco acessíveis e trazê-las ao lado de outras famosas, oferecendo uma visão mais global e abrangente da lírica erótica brasileira que, como a leitura da antologia nos permite

constatar, é bastante rica e diversa. Além do excelente trabalho de organização e seleção, vale também destacar a belíssima edição do livro e as ilustrações de Arthur Luiz Piza, que enriquecem a experiência de leitura dessa estimulante antologia.